



E

Ane
ku
mene

A cartografia escolar no contexto da formação do professor(a) de geografia: reflexões em torno da teoria e da prática

School Cartography in the Context of Geography Teacher Training: Reflections on Theory and Practice

La cartografía escolar en el contexto de la formación de profesores de geografía: reflexiones sobre teoría y práctica

Humberto Cordeiro Araújo Maia*
Joseane Gomes de Araújo**

Resumo

O presente artigo traça um panorama da interface entre a cartografia escolar e formação do professor de geografia a partir dos projetos dos cursos de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Buscou-se conhecer as ementas de cartografia e analisar a ênfase dada a cartografia escolar, destacando a sua interferência na construção do raciocínio geográfico. Verificamos, assim, que as ementas apresentam características da cartografia geotécnica, sem considerar a sua relação com o ensino para a educação básica no sentido de promover o letramento geográfico.

Palavras-chave:

cartografia escolar; formação de professores de geografia; Licenciatura em Geografia

* Universidade do Estado da Bahia.

** Universidade do Estado da Bahia.

Abstract

This article presents an overview of the interface between school cartography and the formation of the Geography teacher from the projects of the Degree in Geography of the State University of Bahia (UNEB). The aim was to get to know the program of the discipline of cartography and to analyze the emphasis given to school cartography, highlighting their interference in the construction of geographic reasoning. It was verified, therefore, that the discipline program presented characteristics of the geotechnical cartography, without considering its relation with the basic education in the sense of promoting the geographic literacy.

Resumen

El presente artículo traza un panorama de la interfaz entre la cartografía escolar y la formación de profesores de geografía en la Universidad del Estado de Bahía en Brasil. Se busca conocer el estado de la disciplina cartográfica y analizar la importancia de esta a nivel escolar, destacando su contribución en la construcción del pensamiento geográfico. Verificamos, por tanto, que la misma presenta características de la cartografía geotécnica, sin considerar su relación con la enseñanza para la educación básica en el sentido de promover alfabetización geográfica.

Keywords:

School Cartography; Geography Teacher Training; Degree in Geography.

Palabras clave:

cartografía escolar; formación de profesores de geografía; Licenciatura en Geografía.

Introdução

A cartografia escolar, um campo de conhecimento, passa a ter outro lugar nos debates acadêmicos a partir do reconhecimento da relevância das representações cartográficas na construção do raciocínio geográfico. Os avanços nas pesquisas, nos mais diversos níveis, representam um importante movimento em torno desta temática, e traz significativos resultados no processo de organização do trabalho docente.

É importante destacar que, no Brasil, este movimento ainda vem ganhando força, mas ainda há críticas e resistência em algumas instâncias. As práticas e experiências vividas nos levam a perceber que há um problema central no desenvolvimento da prática pedagógica no contexto da cartografia escolar ou cartografia para crianças e escolares, que é a formação docente capaz de dar conta dessas demandas.

Apesar do significativo avanço aqui anunciado, ainda há uma resistência de algumas instituições em compreender a importância de repensar os currículos das licenciaturas privilegiando tal temática, o que gera um impacto direto no momento da efetivação das práticas. Nesta perspectiva, o objetivo central deste artigo é perceber o lugar da cartografia escolar ou cartografia para crianças e escolares nos currículos dos cursos de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). A UNEB é uma instituição multicampi, havendo o curso de Licenciatura em Geografia nos Departamento de Ciências Humanas, Campus IV — Jacobina, Campus V— Santo Antônio de Jesus, Campus VI, Caetitê, e no Departamento de Educação, Campus XI- Serrinha, conforme demonstrado na Figura 1, abaixo.

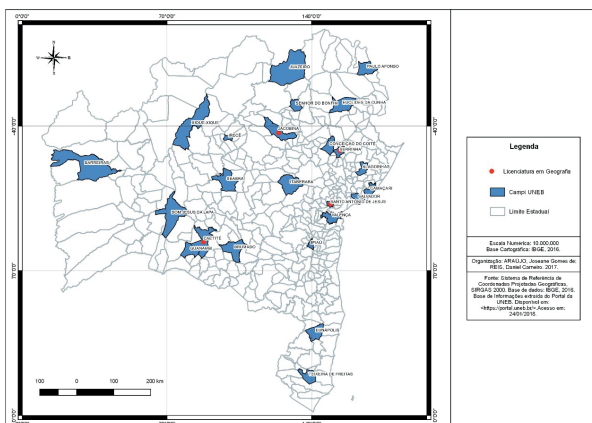


Figura 1. Departamentos da Universidade do Estado da Bahia, com destaque para as instituições de licenciatura em Geografia
Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Para alcançar os resultados a partir do objetivo central e objetivos secundários, a presente pesquisa foi desenvolvida numa abordagem qualitativa, a partir da análise documental (planos de curso— ementas, etc.), e

referências bibliográficas em torno da temática. Assim, o presente artigo é dividido em duas partes, a primeira: “Cartografia Escolar e Formação Docente em Geografia”, traça um panorama em torno da importância da cartografia escolar, elencando a formação docente como um elemento central que interfere no seu desenvolvimento efetivo na escola; e “Cartografia e Cartografia Escolar nos cursos de Licenciatura em Geografia — UNEB”, faz uma análise crítica das presenças e ausências dessas temáticas no currículo da Instituição, a partir da observação das ementas dos componentes curriculares Cartografia Sistemática e Cartografia Temática.

Cartografia escolar e formação docente em geografia

A cartografia para escolares tem ocupado espaço nas discussões acadêmicas, principalmente a partir dos primeiros colóquios de cartografia escolar na década de 90 e da revolução técnica e informacional que proporcionou novas dinâmicas nas relações sociais, a partir da exigência de formas diferenciadas para ler e interpretar o espaço geográfico. Neste contexto, a cartografia escolar começa a trilhar novos caminhos a partir das tecnologias digitais e da presença intensiva da cartografia na vida dos escolares. Assim, podemos considerar que a cartografia escolar, como aponta Castellar e Moraes (2013), “é uma opção metodológica, podendo ser utilizada em todos os conteúdos da Geografia, não somente para identificar a localização dos países, mas também para entender as relações entre eles” (p. 22).

Baseados neste entendimento sobre a cartografia para escolares, pode-se pensar nos principais desafios que precisam ser superados para desenvolver práticas de ensino que estabeleçam uma compreensão mais abrangente dos conceitos geográficos a partir de diferentes representações cartográficas e escalares. Assim, encontram-se os docentes diante de novos e diversos produtos inovadores para entender os processos geográficos a partir da linguagem cartográfica, mas não apresentam conhecimentos cartográficos razoáveis.

Portanto, pensar o uso da linguagem cartográfica como uma metodologia inovadora é torná-la parte essencial para a educação geográfica, para a construção da cidadania do aluno, uma vez que essa lhe permitirá compreender os conteúdos e conceitos geográficos por meio de uma linguagem que traduzirá as observações abstratas em representações da realidade mais concretas. (Castellar, 2017, p. 227)

A problemática em relação ao saber dos professores para desenvolver situações didáticas a partir da linguagem cartográfica tem sido pauta de muitas discussões no campo do ensino da geografia e, apesar da existência de orientações curriculares brasileiras para o trabalho com a

cartografia escolar na educação básica, ainda é notório uma resistência entre os professores de abordarem temáticas que envolvam o uso da linguagem cartográfica.

Consideramos pertinente destacar, também, que a cartografia escolar na educação básica é composta a partir das especificidades das modalidades e etapas de estudo. É fato que há uma questão que perpassa por todas elas, que é a função da cartografia no desenvolvimento do raciocínio geográfico e do pensamento espacial, no entanto, deseja-se que as estratégias que direcionam o fazer docente no campo cartográfico, tenham um olhar para as particularidades. As estratégias utilizadas nas séries iniciais do ensino fundamental I, muitas vezes não são as mesmas no fundamental II e médio, quando observamos a Educação de Jovens e Adultos (EJA), também vem à tona a necessidade de práticas que levem em conta as particularidades da modalidade, assim como na educação no campo, em comunidades quilombolas, etc. Neste contexto, Castellar e Moraes (2013) mencionam que:

As inúmeras experiências que carregamos ao longo destes anos com diferentes públicos — educação de jovens e adultos; formação das séries iniciais, fundamental I e II e ensino médio; curso na graduação — percebemos a urgência deste tema ao verificar que é um trabalho que, por inúmeros motivos, ainda não se consolidou em termos de práticas habituais dos docentes. (p. 28)

Afinal, qual os principais fatores que colaboram para a desvalorização da cartografia escolar nas práticas pedagógicas de geografia? Esta questão tem sido bastante debatida e muitos apontamentos se fizeram nas pesquisas que refletem sobre os percursos formativos dos docentes de geografia. Almeida e Almeida (2014) apresentam em suas pesquisas que os espaços acadêmicos destinados para a formação de professores de geografia ainda precisam superar a desarticulação das disciplinas específicas com as de cunho pedagógico, pois os professores sabem que é necessário ensinar a linguagem cartográfica, porém muitos deles não têm o preparo suficiente para isso. Esta realidade interfere negativamente no processo de associação dos conhecimentos teóricos e sua aplicação na sala de aula. A partir desta lógica, a ampliação da dimensão da cartografia escolar na formação de professores a partir da ênfase nos saberes e práticas, é uma ferramenta relevante para contribuir na compreensão da linguagem cartográfica e sua aplicabilidade no estudo da ciência geográfica.

No entanto, para que a cartografia tenha a relevância que merece no currículo escolar, não adianta ela ser mais um conteúdo; é preciso que os professores compreendam os fundamentos teóricos da discussão cartográfica. É preciso saber ler um mapa, calcular escala e saber porque os mapas são construídos a partir de uma projeção. Porém esses conteúdos precisam ser tratados na formação inicial dos professores na medida em que para ensiná-los é necessário apropriar-se dele. (Castellar, 2017, p.228)

Este domínio da linguagem cartográfica e das possibilidades de uso pelos escolares (associação dos conhecimentos da cartografia, da educação e da geografia) representa um desafio para os professores. Estudos revelam que parcela dos professores da educação básica não apresentam bases teóricas e metodológicas para ensinar conceitos relacionados a representação do espaço, muito menos para ensinar a partir de representações cartográficas. E isto tem relação com a falta de formação na área e até o tempo disponível para organizar seu próprio material de trabalho que exige pesquisa e autonomia na aplicação do conhecimento a partir de práticas educativas inovadoras. Os conhecimentos básicos nos cursos de formação de professores podem ser introduzidos, dando ênfase ao letramento geográfico, compreendendo a relevância da linguagem cartográfica para o desenvolvimento de práticas pedagógicas com representações cartográficas, e mais tarde, utilizem desse conhecimento para as diferentes leituras de mundo.

Cartografia e cartografia escolar nos cursos de Licenciatura em Geografia: o panorama na UNEB

Como mencionamos na introdução do presente artigo, consideramos que a cartografia escolar pode ser posta como um campo de conhecimento. Decerto que ainda há um longo percurso de estruturação, mas, é notável o avanço significativo de pesquisas, nos mais diversos espaços e níveis, em torno das questões que envolvem a cartografia para crianças e escolares. Os debates têm sido intensificados em alguns espaços, gerando resultados em curto, médio e longo prazo. A nossa afirmação é por perceber que em alguns cursos de Licenciatura em Geografia, a cartografia escolar ainda não tem ganhado a sua verdadeira importância e centralidade nas discussões e práticas, e, quando há a discussão, aparece de forma tímida, perpassando por outros componentes curriculares. Como mencionam Richter e Bueno (2017),

Geralmente a cartografia é inserida no currículo da geografia nos primeiros anos de formação dos alunos, recebendo nomenclatura de cartografia básica, sistemática ou “I” e cartografia temática ou “II”. Podemos dizer que a cartografia apresentada para os alunos do curso de geografia está dividida em duas partes bem distintas – uma mais centrada nas regras e normas de construção da representação espacial e outra, no trabalho do tratamento das informações a serem representadas. (p. 192)

O cenário apresentado acima é o de inúmeras instituições que ofertam cursos de Licenciatura em Geografia, a centralidade dos conhecimentos cartográficos especificamente da cartografia básica, dividida em sistemática e temática, com ênfase nos conhecimentos geotécnicos. Não queremos aqui minimizar a relevância de tais conhecimentos ou deixar

a interpretação de menor importância aos referidos conhecimentos, mas evidenciar que nos cursos de licenciatura deve haver uma ênfase ao que denominamos campo de conhecimento, que é a cartografia escolar.

Uma das funções dos cursos de licenciatura é habilitar os profissionais nos mais diversos campos, para a docência. Ocorre que, em muitos casos, os currículos dos cursos de licenciatura estão voltados para um perfil do bacharelado, prática que se tornou comum nos cursos das universidades e que vem sendo debatida nas reformas curriculares atuais. Esta situação colabora para este cenário em que o ensino da cartografia se detenha mais nos conhecimentos técnicos, como se estivesse inserido na formação do geógrafo-bacharel em detrimento do geógrafo-professor.

Por um lado, compreendemos que é imprescindível a apropriação do conhecimento científico; aliás, de que adiantaria ter boas estratégias de ensino se não tivermos os conhecimentos teóricos para utilizá-los objetivando a aprendizagem de determinados conteúdos? Contudo, de que vale ao professor apenas conhecer as projeções cartográficas ou mesmo conhecer os elementos constituintes de um mapa se ele não desenvolve a habilidade de levar os alunos à abstração destes conhecimentos? Seriam inúteis os objetivos de aprendizagem. No entanto, a nossa compreensão é que os cursos de licenciatura pautem seus currículos e ações na perspectiva de integrar o conhecimento científico com o conhecimento pedagógico, traçando estratégias para conhecer, mas saber ensinar. Assim vejamos as colocações de Castellar:

Entendo que aqui se inicia uma discussão importante sobre a dimensão do ensino de Geografia na educação básica e, paralelamente, uma análise sobre a formação inicial dos professores. As questões apresentadas visam, sempre, que os professores entendam a importância da apropriação do conhecimento científico para que o aluno também possa apropriar-se dele, respeitando a realidade e o modo de aprender de cada um. (2017, p. 230)

Quando nos referimos à autonomia a autoria docente, estamos justamente pensando na possibilidade de que, a partir da sua formação, o professor possa construir as estratégias para que os alunos —que muitas vezes não são, mas que devem ser o foco do processo de ensino e aprendizagem— se apropriem destes conhecimentos, levando em conta, inclusive, o lugar de vivências e suas experiências com/no espaço geográfico.

Partindo para uma análise mais específica, que nos propusemos a fazer a partir dos projetos dos cursos de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), notamos, nos quatro campi onde existe a formação em geografia, a inexistência de um componente curricular denominado cartografia escolar ou cartografia para crianças e escolares, ou até mesmo outra nomenclatura, mas que objetivasse discutir as produções e possibilidades deste campo de conhecimento, enquadrando

a UNEB no panorama que descrevemos nas linhas acima, com uma proposta curricular que, no que se refere aos conhecimentos cartográficos para crianças e escolares, não há um direcionamento.

Por outro lado, a estrutura dos cursos de licenciatura em Geografia da UNEB conta com alguns componentes curriculares que são obrigatórios, em que podemos destacar as Práticas de Ensino I, II, III e IV, e os Estágios Supervisionados em Geografia I, II, III e IV. Neste contexto, há possibilidade de um trabalho com a cartografia escolar por meio destes componentes, mas nem sempre o diálogo se estabelece com as disciplinas de cartografia sistemática e temática, objetivando um projeto coletivo entre professores da área específica e pedagógica, esta realidade corrobora exatamente para o que Richter e Bueno debatem em torno desta questão:

por mais que a cartografia faça parte do rol de disciplinas ou saberes que são ensinados ao longo do curso de geografia, é importante entendermos que, geralmente, a perspectiva que se apresenta da cartografia na formação do professor está voltada para saberes sistemáticos e temáticos dessa ciência. Nesses casos, a cartografia se apresenta mais de um conteúdo específico do que uma proposta para contribuir na prática docente. (2017, p.193)

Diante desta realidade, muitas vezes os componentes das práticas de ensino direcionam suas atividades em torno da cartografia escolar, mas não há uma garantia de efetividade nestas práticas, principalmente pela ausência do trabalho em parceria com as especificidades dos conhecimentos técnicos da cartografia. Para uma melhor compreensão das propostas dos componentes de cartografia no contexto dos cursos de Licenciatura de Geografia da Universidade do Estado da Bahia, destacamos nos quadros 1 e 2 as especificações das ementas (cartografia sistemática e cartografia temática), com destaque para a carga horária e as abordagens que norteiam o trabalho do professor.

Tabela 1. Ementas do componente cartografia sistemática (UNEB)

Componente curricular	Campus	Carga horária	Ementa
Cartografia sistemática	Campus IV- Jacobina- BA	75 h	Estuda a cartografia como disciplina auxiliar na análise geográfica. Introdução a Astronomia de Posição. Fundamentos geodésicos e topográficos. Planimetria e altimetria. O processo cartográfico. Projeções: tipos e propriedades. O sistema universal de projeção cartográfica (UTM). Interpretação geocartográfica de cartas topográficas — escalas, legendas, projeções, isolinhas, etc.
Cartografia sistemática	Campus V- Santo Antônio de Jesus- BA	60 h	Estuda a cartografia como técnica auxiliar na análise geográfica. Fundamentos geodésicos e topográficos da representação do globo terrestre: o processo cartográfico. As projeções cartográficas. Localização e orientação espacial: linhas imaginárias, coordenadas geográficas. O sistema cartográfico nacional. Composição e interpretação de cartas topográficas: planimetria e altimetria, escala, legenda, projeção e processos cartográficos.
Cartografia sistemática	Campus VI- Caetitê- BA	75 h	Estuda a Cartografia como disciplina básica na análise do espaço geográfico; A cartografia e sua história; introdução aos conceitos cartográficos, astronômicos de posição e geodésicos. Elementos da cartografia sistemática; o sistema de referências terrestre; projeções cartográficas, fusos, coordenadas geográficas, coordenadas planas (UTM); Interpretação espacial das cartas topográficas. A relação entre cartografia, aerofotogrametria, sensoriamento remoto e geoprocessamento.
Cartografia sistemática	Campus XI- Serrinha- BA	75 h	Reflete sobre a história da cartografia: evolução, diversificação e perspectivas atuais. Os elementos básicos para a representação terrestre: projeções, escalas coordenadas geográficas, simbologias e convenções. Análise e mensuração em documentos topográficos.

Fonte: elaboração própria.

A carga horária do componente Cartografia Sistemática de três campi (IV, VI e XI) é de 75h, tempo expressivo para dar conta da amplitude de conteúdos postos na ementa; já o campus V, destina apenas 60h para o componente, tempo restrito para construir conhecimentos técnicos e pedagógicos a partir do componente. Todas as ementas não fazem referência ao trabalho com a cartografia com a perspectiva do ensino, ou seja, não fazem referência a cartografia escolar já que está dentro de um curso de licenciatura. Richter e Bueno ainda destacam:

Portanto, temos a urgência em ampliar a participação da cartografia para além de momentos específicos no curso de geografia, com a perspectiva de que o aluno, futuro professor, se aproprie dessa linguagem para contribuir com seu discurso e seu fazer geográfico. (2017, p.194)

Esta situação pode repercutir negativamente na formação de professores, pois fica a critério dos professores deste componente fazer sua proposta para incluir atividades que associe as habilidades técnicas com os conhecimentos pedagógicos para trabalhar a linguagem cartográfica no ensino de geografia.

Tabela 2. Ementas do componente cartografia temática (UNEB)

Componente curricular	Campus	Carga horária	Ementa
Cartografia Temática	Campus IV - Jacobina- BA	60 h	Introduz os métodos cartográficos estabelecendo as relações de causa e efeito existentes entre a representação topográfica e a abordagem temática. Métodos e técnicas de representação da cartografia temática. A cartografia digital. A cartografia escolar e aplicabilidade no ensino fundamental e médio. Cartografia e pesquisas geográficas.
Cartografia Temática	Campus V- Santo Antônio de Jesus- BA	45 h	Introdução aos métodos da cartografia geográfica estabelecendo as relações de causa e efeito existentes entre a representação topográfica e a abordagem temática. Métodos e representações gráficas dos eventos dinâmicos e estatísticos, expressos pelas variáveis geográficas; técnicas de aquisição de informações geográficas aplicadas à cartografia temática; os métodos computacionais e a análises aplicadas à cartografia: noções básicas; a cartografia e o ensino de geografia.

Cartografia Temática	Campus VI- Caetité- BA	60 h	Estuda a cartografia como disciplina básica na análise do espaço geográfico; elementos da cartografia temática; interpretação espacial das cartas e mapas. A relação entre cartografia temática e geoprocessamento. Produção de mapas temáticos. Elementos que influenciam na elaboração dos mapas temáticos. Generalização cartográfica. Simbolização cartográfica. Etapas da produção de mapas temáticos e cartogramas.
Cartografia Temática	Campus XI- Serrinha- BA	60 h	Enfoca os aspectos metodológicos do saber e fazer científico; problematiza epistemologicamente as diversas abordagens de pesquisa; aplica procedimentos e técnicas qualitativos e quantitativos que norteiam a interpretação dos fenômenos geográficos; utiliza informações georreferenciadas e outras linguagens de comunicação instrumentalizam a produção e interpretação de textos.

Fonte: elaboração própria.

Quanto à cartografia temática, os componentes dos campi IV, VI e XI apresentam carga horária de 60h, menor que a de cartografia sistemática, e o campus V destina somente 45h para o componente, restringindo ainda mais o tempo para o ensino da cartografia. As ementas também se diferenciam no que diz respeito as constatações do trabalho com a cartografia escolar. Apenas os campi IV e V garantem o ensino da cartografia escolar dentre outras abordagens propostas no componente.

Uma outra particularidade dos cursos de Licenciatura em Geografia da UNEB é a organização em eixos, denominados de “formadores” e de “conhecimento”, que contemplam o currículo da Universidade, estão organizados em um grupo de quatro, sendo eles: Conhecimentos da Geografia; Metodologias e Técnicas Pesquisa; Educação e Geografia; Escalas Geográficas. É importante destacar que, dentro desta proposta, não existe a modalidade pré-requisito, o que caracteriza também, um diferencial com relação a outras propostas curriculares.

A organização curricular possibilita ao aluno, a partir dos componentes curriculares ofertados, certa uma autonomia, fazendo suas opções, desde que, cumpram a carga-horária mínima exigida em cada eixo. Apesar da possibilidade em desenvolver a autonomia dos discentes em relação à proposta curricular vigente, o que é algo extremamente positivo, o fato de não haver pré-requisitos possibilita que alunos concluam o curso de licenciatura sem cursar cartografia sistemática ou temática. Aliás, é importante mencionar que os currículos dos cursos de Licenciatura em Geografia da UNEB tem sido objeto de estudo¹. Por outro lado, não é a obrigatoriedade ou mesmo a existência de componentes que resolveriam por si só a demanda aqui levantada. Compreendemos que é um processo contínuo e que depende de outros elementos, no entanto, este debate precisa ser tensionado com objetivo de compreender as nuances resultantes do currículo vigente.

Considerações finais

A cartografia escolar, campo de conhecimento, contempla pesquisas, discussões e ações que objetivam, a partir da leitura, produção e interpretações das mais diversas formas de representação, o desenvolvimento do raciocínio geográfico e do pensamento espacial. Compreendemos que, apesar da evolução em número e qualidade das pesquisas que debatem esta temática, ainda não observamos o seu planejamento e efetivação em todas as instâncias que compõem o planejamento de ensino, seja na educação básica ou mesmo superior. No entanto, reafirmamos a relevância de que haja um processo de sensibilização e ação, de modo que os debates e ações se intensifiquem.

Como mencionado acima, as análises feitas nos planos dos cursos de licenciatura da UNEB, evidenciam a ausência de componente curricular denominado “cartografia escolar” ou “cartografia para escolares”, deixando a cargo dos componentes curriculares cartografia sistemática e temática as discussões “obrigatórias” em torno dos conhecimentos cartográficos. Compreendemos que a construção de um componente curricular que atenda às especificidades da cartografia direcionadas para a educação básica pode contribuir significativamente no processo de formação dos professores de geografia, de modo que desenvolvam autonomia e autoria docente e, a partir do público e das especificidades do lugar de vivência, desenvolvam estratégias didático-pedagógicas para uma aprendizagem significativa a partir dos conhecimentos oriundos da cartografia.

¹ Sobre pesquisas em torno desta temática ver Nunes (2017) e Torres (2016).

Referências

- Almeida, R. D. e Almeida, R. A. (2014). Fundamentos e perspectivas da cartografia escolar no Brasil. *Revista Brasileira de Cartografia*, 66(4), 885-897.
- Castellar, S. (2017). Cartografia escolar e o pensamento espacial fortalecendo o conhecimento geográfico. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, 7(13), 207-232.
- Castellar, S. e Moraes, J. (2013). A linguagem cartográfica: possibilidades para a aprendizagem significativa. Em S. Oliveira, T. Pereira e J. Portugal (Eds.), *(Geo)grafias e linguagens: concepções, pesquisas e experiências formativas* (pp. 21-38). CRV.
- Nunes, M. (2017). *Reforma curricular em Geografia na Universidade do Estado da Bahia: construção social e o papel dos sujeitos em uma teia de significações entre o pensado e o possível*. [Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas].
- Richter, D. e Bueno, M. (2017). A importância da disciplina “cartografia escolar” na formação do professor de Geografia. Em J. Portugal (Ed.), *Educação geográfica: temas contemporâneos* (pp. 189-204). Edufba.
- Torres, M. (2016). *A prática na formação inicial de professores: sentidos atribuídos por estudantes e coordenador de curso durante a realização da licenciatura em Geografia do Campus xi, -Serrinha-UNEB*. [Tese de doutorado, Universidade do Estado de Bahia].